

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

UMA JORNADA DE EMERGÊNCIAS: Mediações culturais em utopias realistas

Ercio Sena¹; erciosena@gmail.com

Juliana Gusman²; julianamrgusman@gmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe reflexões sobre experiências representativas da produção acadêmica *Jornada das Utopias*, realizada pelo curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Através da problematização de certos embates culturais que ocorreram nesse contexto, será realizada uma análise sobre processos de tradução intercultural estabelecidos entre o grupo cultural *Lá da Favelinha*, convidado da jornada, e a organização do evento. Objetiva-se compreender formas enunciativas operadas por esse grupo que desafiam perspectivas hegemônicas de comunicação.

PALAVRAS-CHAVE

Jornada das Utopias. Mediação. Tradução Intercultural.

1. INTRODUÇÃO

De fato, a paciência da utopia é infinita (SANTOS, 2007, p. 102).

Entre os anos de 2017 e 2018, o curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais realizou a *Jornada das Utopias*. A produção acadêmica, de caráter extensionista, procurou oferecer atividades aos estudantes em diversos formatos – como palestras, oficinas, *workshops*, conferências – que contemplaram perspectivas distintas para refletir a articulação entre pensamentos e práticas do campo da comunicação e outras

¹ Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC Minas e dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Cinema e Audiovisual da mesma instituição. E-mail: erciosena@gmail.com.

² Doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo. Mestre em Comunicação Social pela PUC Minas. E-mail: julianamrgusman@gmail.com.

formas de saber – populares, tradicionais, dos movimentos sociais – visando um exercício genuíno de uma ecologia de conhecimento. Buscou-se, primordialmente, a polifonia de vozes sobre questões centrais que desafiam o contexto brasileiro hodierno.

Neste artigo, propõe-se pensar sobre experiências representativas dessa jornada por meio da problematização de embates culturais resultantes dos diálogos estabelecidos entre diferentes grupos que dela participaram. Em suma, será realizada uma análise sobre processos de *tradução intercultural* em uma atividade específica da última produção acadêmica, a partir das formas discursivas operadas por atores que a conduziram. Pretende-se investigar os processos de comunicação engendrados pelo grupo cultural *Lá da Favelinha*, formado por moradores do Aglomerado da Serra³, a partir de uma tensão entre culturas estabelecida nesse encontro. Pretende-se explorar, em suma, aspectos da contra-hegemonia que foram levantados tanto na apresentação do grupo como na sua interação com a organização do evento.

Para isso, no entanto, é necessário que se compreenda o escopo desse evento. A *Jornada das Utopias* foi idealizada no presente cenário de destruição de diretos, de crescimento da desigualdade social e de aniquilamento dos valores democráticos. Com o objetivo de refletir nossa arquitetura social – capitalista, colonialista e patriarcal – propôs-se uma jornada reflexiva que articulou esses temas em relação à comunicação, ao jornalismo e à cultura.

A partir do sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2016), entendemos que o capitalismo tem revelado, como nunca, seu caráter destrutivo. Tem fomentado crescimentos absurdos da concentração de riqueza e da exclusão social; tem agravado a crise ambiental, alimentar, financeira e energética; tem acirrado disputas e estimulado guerras pelo controle do acesso aos recursos naturais. Conforme Santos, o afrouxamento da tensão entre democracia e capitalismo tem contribuído, em escala global, para consolidar democracias de baixa intensidade. Na última década, por exemplo, os assassinatos de brasileiras negras cresceram em 54%; no mesmo espaço de tempo, aumentou em 158,9% a

³ O Aglomerado da Serra é o maior conjunto de favelas de Minas Gerais, localizado na região da Zona Sul de Belo Horizonte. Começou a ser formada na década de 1920 e, hoje, conta com aproximadamente 46 mil habitantes, divididos em oito vilas.

taxa de morte da população negra por armas de fogo, em relação à população branca. A maior parte das vítimas não chega completar 25 anos; o Brasil é quinto país do mundo com mais casos de feminicídio e o que mais mata pessoas transvestigêneres; ocupamos, também, o oitavo lugar no ranking de suicídio, ameaçando, especialmente, a juventude. Entre as principais causas estão a depressão, o abuso de drogas e álcool, além das chamadas questões interpessoais - violência sexual, violência doméstica e *bullying*⁴.

Diante desse cenário, a escola de comunicação da PUC Minas, representada pelo curso de Jornalismo, se propôs a questionar essas agruras – que intercedem brutalmente na vida dos jovens, estudantes em formação – tendo em vista as formas de opressões engendradas pela perspectiva neoliberal, que se fortalecem com a aparente falta de futuros esperançosos e de utopias realistas. Quais são as chances de haver futuros democráticos diante de presentes despóticos?

2. FUTUROS POSSÍVEIS

Esse horizonte interdito, para Santos (2017), é resultado do esvaziamento de diferentes formas de luta por emancipação. Se no século XX havia dois grandes modelos de transformação social, a revolução e a democracia, começamos o século XXI, segundo o sociólogo, sem modelos transformadores da realidade, ameaçados pela perda iminente tanto da revolução, quanto da democracia, fatalmente divididas. Isto posto, o sociólogo afirma a necessidade de se refundar a democracia para torná-la mais forte de modo que ela não sirva aos seus adversários, como tem acontecido no presente. No momento em que a maior parte da população mundial enfrenta expectativas negativas em relação ao futuro, o medo não deve ser uma arma para favorecer a resignação. É preciso enfrenta-lo, como um organismo faz com uma doença que o ataca, superando essa realidade e tornando-se mais forte. Para isso, o autor nos propõe pensar sobre utopias factíveis, favorecendo a emergência de realidades hoje ocultas das experiências da maior parte das pessoas,

⁴ Dados de acordo com Ayer e Bottrel (2017), Araújo et. al. (2015) e Welle (2015). Ver referências.

intencionalmente invisibilizadas ou tornadas inexistentes – inclusive, pela mídia.

A utopia, trazida como alternativa a superação do medo e à busca de novos sentidos para democracia, tem sua elaboração inicial na obra de Thomas More, escrita há mais de 500 anos. A palavra utopia foi recuperada do grego pelo escritor inglês que, para designar um país imaginário, formou o termo com (*u*), a partícula negativa, e (*topos*), lugar. “U-topia literalmente significa não-lugar, não país, não região. Mas, ainda assim, um lugar imaginável, um estado de ser, um modelo a conquistar” (NEOOTI, 1973, p. 3). A *Utopia* foi um projeto literário e político do autor para expressar uma contundente crítica às instituições dominantes do século XVI. O trabalho de More representou, ainda, um estímulo dinamizador da história do mundo ocidental.

Após releituras e derivações da obra de More, a palavra utopia adquiriu variações que permitem lhe identificar duas grandes significações. Na *primeira acepção*, é definida como um “...projeto de natureza irrealizável; quimera, fantasia” (HOUAISS, 2002), que levou o próprio Marx a combater o propósito dos socialistas denominados utópicos, para os quais o socialismo seria alcançado de forma gradativa. O engano dos socialistas utópicos era acreditar que a força persuasiva de suas ideias poderia influenciar e convencer a burguesia. Prometiam um futuro sonhado sem considerar as condições que a realidade impunha a essas transformações. Entretanto, se tomarmos outro significado da palavra utopia, podemos defini-la em uma *segunda acepção* como “...qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade” (HOUAISS, 2002). Por essa segunda definição, não estaríamos necessariamente diante de um projeto infactível. Podemos, ainda, tomar o sentido de utopia como “... um conjunto de possibilidades materiais das sociedades futuras, de tal modo que todas as decisões e escolhas presentes ficam subordinadas a estas construções utópicas” (SEPÚLVEDA, 1962, p.66). Assim, a força da utopia está menos na idealização de um futuro e mais na crítica do que se manifesta no presente.

Ao retomar a perspectiva das utopias no nosso tempo, Santos (2017) faz uma interpretação crítica da experiência revolucionária e democrática vivida no

século XX para propor a união das virtuosidades dos movimentos que trabalharam essas duas perspectivas. Para o autor, é necessário democratizar a revolução e revolucionar a democracia, permitindo que cada vez mais áreas da vida coletiva estejam sujeitas a deliberações democráticas. A questão que moveu o propósito acadêmico da *Jornada das Utopias* foi, portanto, como fazê-lo no espaço da escola, dentro do campo comunicacional.

Tendo em vista a centralidade dos discursos midiáticos e jornalísticos na legitimação de determinadas opressões que buscam apagar realidades alternativas à visada universal, capitalista, colonial e patriarcal, como pensar um projeto amplo e irrestrito de democracia que desafie os modos de representação vigentes? Não obstante, se questionou: como a mídia tenta lidar, ou não, com a pluralidade de realidades que, atualmente, se fazem existentes? Seria possível fazer emergir outras formas enunciativas, outros discursos, que reconfiguram a lógica midiática tradicional? Objetivou-se pensar e trazer para o âmbito da escola ações contra hegemônicas. O intento foi lidar com esses desafios articulando comunicação e cultura, trabalhando com experiências significativas que retomem a esperança de um futuro de justiça social.

3. COMUNICAÇÕES EMERGENTES

A *Jornada das Utopias* pretendeu ir além de pensamentos e práticas perpetuados pela produção midiática hegemônica que, segundo Santos (2007), tem operado, em grande parte, de acordo com uma “racionalidade indolente”, característica da visada neoliberal, que propõe uma realidade totalizante e redutora e que não se exercita o suficiente para dar acesso à riqueza inesgotável oferecida pelo mundo. Essa racionalidade “preguiçosa”, que se considera única, trabalha a contração do presente e o apagamento das muitas realidades possíveis, que de fato coexistem e se articulam na vida comum. Para Santos, “experiências muito locais, não muito conhecidas nem legitimadas pelas ciências sociais hegemônicas, são hostilizadas pelos meios de comunicação social, e por isso têm permanecido invisíveis, desacreditadas” (SANTOS, 2007, p. 23). São realidades que não são consideradas relevantes e que, por isso, são produzidas como ausentes.

De fato, a mídia está implicada na representação do Outro e de seus modos de vida, na presença ou na ausência dele na sociedade contemporânea. Para Silverstone (2002), é por meio de uma mediação tecnológica que uma relação ética e de responsabilidade com o Outro pode ser forjada, especialmente com o Outro distante, que nos é acessível somente por meio de representações midiáticas. Portanto, a produção desses significados orientados por uma racionalidade redutora pode não apenas constranger a compreensão de determinadas experiências por meio de seus esquemas representativos ancorados em estereótipos, como pode aniquilar simbolicamente outras realidades.

Enquanto certos grupos sociais são condicionados a lógicas assimilacionistas e domesticadoras de estereotipagem, que nos oferecem relações extremamente restritas com aqueles que são representados, outros, constituídos por pessoas cujas existências precárias não conseguem ser alcançadas pelo campo dos discursos socialmente partilhados, são sentenciados ao apagamento total. Segundo Butler (2011), essas representações orientam aquilo que é considerado mais ou menos humano, podendo ora produzir uma identidade simbólica desprovida de qualquer humanidade, ora apagar radicalmente essa identidade, como se ali o humano nunca houvesse existido. A mediação, especialmente aquela forjada pela mídia, pode contribuir – como de fato parece fazer – para a legitimação de poucos modos de ser, pensar e agir no mundo. Enfrentar esses regimes de representação torna-se, portanto, um gesto necessário na ampliação e na democratização do território que produz o domínio das realidades e utopias possíveis.

Buscar maneiras de fazer emergir diferentes experiências que confrontam perspectivas monolíticas é o que os autores articulados nesse artigo, e que abalizaram teoricamente a Jornada das Utopias, parecem ambicionar em seus respectivos campos de estudo. No âmbito do campo midiático, Silverstone aposta em uma perspectiva que opera na insurgência de questionamentos acerca dos níveis de proximidade e distância demandados por cada relação mediada no cotidiano, preservando o Outro através da diferença, sem ambições de abarcar-lo em sua totalidade, o que é, efetivamente, impossível. Essa proposta em muito se assemelha às considerações de Santos (2007)– nesse caso, em uma

dimensão sociológica – sobre processos de *tradução intercultural*. A partir desse conceito, o autor defende a produção de inteligibilidade recíproca entre identidades distintas, sem canibalização ou homogeneização. Traduzir significa aumentar interconhecimento e maximizar articulações. Somente através de processos de traduções interculturais entre diferentes saberes é possível entrar em contato com um mundo de novas realidades.

Ao lembrarmos que o acesso à esfera midiática ainda é bastante restrito, ainda que se permita certa pluralidade na representação e na produção desses discursos (BIROLI; MIGUEL, 2011), entendemos que o confronto com as representações edificadas pela mídia tradicional é fundamental, mas não deve ser a única frente de atuação para se pensar um projeto de sociedade democrática. Democratizar os meios de produção de conteúdo é, também, abrir espaço para legitimar outras formas discursivas desenvolvidas e operadas por grupos sociais distintos, midiáticas ou não. São esses experimentos que a tradução intercultural irá evidenciar.

É nesse contexto que a experiência do grupo *Lá da Favelinha*, convidado para participar da *Jornada das Utopias*, se destaca. Esse grupo social, por meio de seus modos específicos de trabalhar a cultura popular, colocou em cena estratégias próprias de comunicação. Além da apropriação de recursos fornecidos por redes sociais, principalmente no *Youtube*, onde divulgam vídeos das atividades, eventos e oficinas que promovem na comunidade, o coletivo de artistas da periferia de Belo Horizonte utiliza principalmente a moda e a dança para afirmar sua cultura. Seja com o *passinho*⁵ ou com a *Favelinha Fashion Week*⁶, o grupo consegue formular produções de discursos que fogem dos moldes dominantes de comunicação, até mesmo por subvertê-los. Maneiras singulares de se comunicar uma cultura se chocam com formas de comunicação ancoradas em perspectivas construídas, quase exclusivamente, na experiência midiática tradicional. Não obstante, a forma como o grupo se apresentou e se impôs no evento acadêmico, em diálogo com os demais atores presentes no contexto, foi fundamental para fazer emergir essas questões.

⁵ O *passinho*, modalidade de dança originada nas favelas cariocas, é caracterizado por sequências de improvisação com rápidos movimentos de pés, que mistura elementos de *break*, *funk* e ritmos como o samba, frevo e capoeira.

⁶ A *Favelinha Fashion Week* é um desfile da grife criada pela própria comunidade do Aglomerado da Serra. As peças são vendidas, posteriormente, visando à manutenção do centro cultural Lá da Favelinha.

Acredita-se que o *Lá da Favelinha* representou, na *Jornada das Utopias*, a força e a relevância política que os movimentos sociais têm ganhado nos últimos anos. De fato, como afirma Santos (2017), grupos sociais – de mulheres, de negros, de indígenas, da comunidade LGBT, de trabalhadores – foram os principais responsáveis por fazer insurgir experiências até pouco tempo desperdiçadas. Para o sociólogo, foram, sobretudo, as lutas sociais vinculadas ao campo democrático, popular e progressista que tornaram visíveis pautas emergentes que vinham sendo continuamente negligenciadas. Até mesmo parte da mídia tradicional, tanto em relatos jornalísticos como de ficção, foram impelidas a adotar e ressignificar algumas questões vinculadas a perspectivas inclusivas.

Não se ignora o desafio que a emergência de falas representa. É preciso lidar com essa enorme quantidade de realidade que até pouco tempo não existia. Há um confronto com um real mais rico, ainda mais fragmentado, e certamente mais caótico. Não obstante, as demandas são mais capazes de criar potencialidades transformadoras quando combinadas e articuladas. Dessa forma, a organização da *Jornada* se colocou como um espaço de intercâmbio entre culturas, uma vez que se dispôs a questionar a legitimação do saber científico, considerado essencial, mas não a forma exclusiva de conhecimento. Tratava-se de “trazer outros conhecimentos para dentro da universidade, uma nova forma de pesquisa-ação” (SANTOS, 2007, p. 46). Aspirou-se realizar um projeto de formação que desafiasse fórmulas e ideias, trazendo, para o ambiente da escola, outras experiências e outros conhecimentos – populares, tradicionais, dos movimentos sociais – que, em diálogo, poderiam contribuir para constituir novas possibilidades para se pensar o campo da comunicação.

4. UTOPIAS REALISTAS

Semanalmente, aproximadamente 300 pessoas passam pela Rua Doutor Argemiro Rezende Costa, na Vila São Lucas, com destino ao número 191. A casa de paredes grafitadas abriga uma biblioteca e uma brinquedoteca, assim como diversas oficinas culturais: “corpo e movimento”, balé, teatro, capoeira, jiu-jitsu, rap, comunicação, violão, inglês, percussão, passinho e *Break Dance*. O centro

cultural *Lá da Favelinha*, projeto independente, fruto de financiamento coletivo e autogerido pela própria comunidade, tem movimentado a vida dos moradores do Aglomerado da Serra desde seu surgimento, em meados de 2014.

A partir de uma oficina de MCs ministrada por Kdu dos Anjos, artista nascido e criado na favela Santana do Cafezal, o projeto cresceu e se desenvolveu. Os primeiros participantes formaram um grupo musical, fundaram a biblioteca e foram se articulando com outros profissionais que, voluntariamente, disponibilizaram tempo e trabalho para erguer o centro cultural. Hoje, além de promover as atividades fixas que acontecem no espaço, o *Lá da Favelinha* conta com eventos periódicos, como o *Rap da Favelinha*, *Batalha do Quinto Elemento*, *Sarau da Favelinha*, *Hip Hop Experimental*, *Griôs Contemporâneos*, *Música Popular da Favelinha* e a *Favelinha Fashion Week*. Todas as ações são gratuitas e realizadas, sempre, de forma colaborativa.

Na *Jornada das Utopias*, os representantes do projeto foram à universidade como convidados para a última grande conferência do evento. As três conferências anteriores tinham como objetivo iniciar discussões e debates centrais da *Jornada*, seguindo padrões convencionais de palestras acadêmicas. A experiência com o grupo *Lá da Favelinha*, no entanto, foi marcadamente distinta, permeada por resistências, conflitos e subversões. No confronto suscitado pelas relações configuradas nesse contexto, certos aspectos culturais que orientam a produção artística do projeto, que muito revelam sobre a realidade social a partir da qual ele se forja, puderam emergir. Supõe-se que essa emergência foi possível, principalmente, por que a relação entre os diferentes grupos sociais que ali se encontravam, potencialmente antagônica, foi conduzida de forma dialógica. Acredita-se que houve uma tentativa de estabelecer um processo de tradução intercultural, evitando, assim, posicionamentos impositivos diante dessa outra forma de produzir e comunicar conhecimentos de uma cultura específica. É sobre esse processo e seus desdobramentos que pretendemos refletir.

5. A RESISTÊNCIA E A SUBVERSÃO LÁ DA FAVELINHA

O encontro da organização da *Jornada das Utopias* com o grupo *Lá da Favelinha* se deu após uma postagem no *Facebook*, feita pelo coordenador e produtor cultural, destacado como o *general manager* do grupo, Kdu dos Anjos. No *post*, Kdu se indigna com a forma que o coletivo havia sido tratado, um dia antes, no MECAlnhotim, evento multicultural que mistura shows, palestras, *workshops*, exposições, entre outras atividades e experiências, realizado no Instituto Inhotim, o maior museu de arte contemporânea a céu aberto do mundo. A indignação do produtor cultural se soma à outra denúncia de abuso policial, em uma ação desastrosa na periferia.

IMPORTANTE: Ontem integrantes e agregados da Favelinha realizaram a Disputa Nervosa, no Meca, em Inhotim. Mesmo com todo Glamour do evento, sentimos aquele velho descaso de produtores de evento rycos (sic) com artistas da periferia [...] Ontem, no mesmo horário rolava uma resenha na comunidade, jovens e famílias na rua dançando e curtindo funks e pagodes. A polícia chegou, rolou tumulto, pessoas pisoteadas, houve confronto, gente atingida com bala de borracha, depois bala de verdade. Várias pessoas estão feridas. UM JOVEM DE 14 ANOS MORREU BALEADO! [...] Seguimos na resistência! (KDU DOS ANJOS, 2017)

Logo depois, por ocasião de um primeiro contato direto, uma representante da produção cultural acadêmica, que identificaremos nesse artigo como Brant, teve dificuldades para manter entendimentos com o representante do grupo que se apresentava no Teatro Espanca, no hipercentro de Belo Horizonte, local de grande efervescência cultural. O assédio de várias pessoas dificultou o diálogo, mas logo a estudante percebeu a resistência do grupo em participar de qualquer atividade em universidades. Ainda assim, a produção da *Jornada* insistiu no contato com o grupo e obteve uma resposta positiva.

Inicialmente, o grupo foi contratado para uma palestra, duas apresentações culturais – o desfile da *Favelinha Fashion Week* e a *Disputa Nervosa*⁷ – e uma oficina de passinho, que aconteceria em outro dia e horário. A palestra e as atividades culturais aconteceriam à tarde, da seguinte forma: a apresentação do desfile seria em uma arena aberta, coberta por uma lona de

⁷ Disputa de passinho, na qual os dançarinos improvisam suas performances em um tempo cronometrado. Na atividade na Jornada das Utopias, os vencedores seriam eleitos pela plateia.

circo, seguida pela palestra de Kdu dos Anjos, encerrando-se com a *Disputa Nervosa*.

Logo que o grupo formado por onze pessoas chegou à universidade, a equipe da organização preparada para recebê-los os conduziu a uma sala improvisada como camarim para que se preparassem para apresentação. O excesso de atenção dispensado a eles pela equipe da organização, que se revezava no contato com os artistas, provocou a primeira queixa. O contraponto à desatenção observada no evento do museu a céu aberto incomodou o líder do grupo que chegou a solicitar menos “cuidados”, vistos por ele como cerceamento e controle excessivo dos integrantes do coletivo. A organização do evento respondeu com certo afastamento do local, dando mais liberdade para os momentos de espera e preparação.

Os conflitos gerados a partir do encontro entre o grupo artístico e a cultura acadêmica do espaço universitário, embora nem sempre perceptível para quem assistiu à conferência, foi fundamental para definir o modelo da atividade. Avalia-se que a dimensão antagônica desse contato, sempre presente nas relações sociais, não foi negada, pelo contrário: abriu-se espaço para expressão de interesses e valores conflitantes. Segundo Mouffe (2001), essa é a principal questão da política democrática. Há sempre a possibilidade de uma relação ‘nós-eles’ se constituir em termos de ‘amigos-inimigos’ e negar esse fato resulta somente na impotência em reconhecer manifestações da diferença.

Em outro momento, também significativo, os integrantes do *Lá da Favelinha* foram informados que a apresentação não seria no local inicialmente determinado. Kdu dos Anjos repreendeu a opção dada pela organização de transferir as atividades do grupo para um auditório com cadeiras fixas e capacidade para cerca de 300 pessoas. Para o produtor cultural, o novo lugar era inadequado e isso poderia prejudicar a desempenho das apresentações, idealizadas para ambientes abertos. O embate pela escolha entre os locais permaneceu, mesmo diante das ponderações da organização sobre o risco de chuva no local da apresentação. Ainda assim, Kdu insistiu: “Você tem certeza que vai chover? A mudança é ruim, porque a apresentação em lugar aberto é a cara do projeto, tem mais a ver com a gente. Geralmente a participação das pessoas é maior e há possibilidade de mais gente assistir” (DOS ANJOS apud

BRANT, 2017). Ao final, a cessão da mudança de local ocorreu com a concordância, ainda que relutante, do líder do grupo.

O terceiro conflito foi referente à ordem da apresentação. Na *Jornada*, atividades artísticas eram realizadas, usualmente, durante os intervalos das aulas, antes das palestras que ocupavam o horário letivo. No caso da conferência com o grupo *Lá da Favelinha*, a organização do evento sugeriu que eles apresentassem algumas experiências artísticas do próprio coletivo nesse formato. Programou-se, conforme mencionado, a *Favelinha Fashion Week* como a primeira atividade da tarde, seguida pela palestra ministrada por Kdu dos Anjos. Por fim, haveria, excepcionalmente, mais uma apresentação artística, a *Disputa Nervosa*.

Nesse ponto não houve flexão alguma por parte do produtor cultural Kdu dos Anjos. Mesmo diante dos argumentos da organização do evento, ele manteve a disposição de iniciar com a palestra, a despeito de toda divulgação feita e, somente depois, ele mesmo anunciaria as duas apresentações culturais como decorrência de sua fala.

Ele exigiu que a atividade teria que acontecer primeiro com a fala dele, porque talvez, no início, a atividade fosse menos prestigiada. Ele queria falar do projeto, não apenas fazer uma apresentação cultural. Queria explicar o que era empreendedorismo, a partir do ponto de vista deles, pois isso era a principal coisa que eles faziam (BRANT, 2017).

Ao final, prevaleceu a decisão do grupo *Lá da Favelinha*, suplantando-se a escolha da equipe de organização da *Jornada* no novo formato definido a partir desse conflito discursivo e de concepções culturais. Ao se recusarem a aceitar as formas não criadas por eles, afirmaram um lugar de fala singular durante a *Jornada das Utopias*. Eles reiteraram sua autonomia, independência e identidade. Nessa escolha, afirmaram não carecer de moldes acadêmicos para transmitir seus conhecimentos e práticas do saber.

Logo que Kdu dos Anjos chegou ao auditório e subiu no palco, percebeu-se que ele, realmente, não precisava – ou até mesmo, não queria – qualquer tipo de condução. Sem aviso prévio, pegou o microfone e iniciou sua fala. Não esperou qualquer sinal ou autorização. Essa apropriação aparentemente estratégica impediu que a organização do evento pudesse interferir no

andamento da conferência. O professor mediador da atividade, inclusive, permaneceu fora do palco, na plateia. Kdu, no controle da situação, foi intercalando sua fala com diferentes performances dos demais artistas do coletivo, formando uma narrativa, um encadeamento de ações que iam compondo noções acerca da realidade que se intentava revelar. Sobressaiu-se, nesse discurso, a presença de um “eu coletivo”: há uma narrativa que valoriza a trajetória individual do jovem que idealizou o projeto diante do contexto social em que se encontrava, mas que não deixa de refletir sobre a importância de uma conquista comunitária.

Para além desse caráter coletivo e autônomo, evidenciado tanto pela dinâmica da atividade como pela fala de Kdu, há outra questão que se sobressai e que, de certa maneira, corrobora com posicionamentos que visam o fortalecimento de uma cultura popular. Um discurso empreendedor, usualmente vinculado a uma “retroalimentação do discurso do capital” e qualificado como o “espírito do capitalismo contemporâneo” (CASAQUI, 2015), é ressignificado na experiência do *Lá da Favelinha*. Afastam-se, até mesmo, do empreendedorismo com caráter social que, segundo Casaqui (2015), se reveste, narrativamente, com o discurso do trabalho pela justiça comum, apesar de ser orientado por perspectivas que legitimam o capital. Grandes empresas e corporações tem adotado essa estratégia em ações publicitárias.

No entanto, no contexto do grupo analisado, a noção de empreendedorismo parece ganhar outros contornos. O objetivo das ações do *Lá da Favelinha*, afinal, não é o lucro, mas a valorização cultural e a perpetuação sustentável do próprio projeto. Esse “empreendedorismo comunitário” favorece a autogestão do centro cultural e possibilita a independência do grupo, que se utiliza dos recursos disponíveis na comunidade, das experiências ali existentes, para viabilizar sua emancipação e manutenção. A *Favelinha Fashion Week*, que foi trazida para a *Jornada das Utopias*, é um bom exemplo dessas tentativas de exploração das potencialidades oferecidas pelo contexto social que permeia o projeto. Grande parte das roupas utilizadas no desfile, e que são vendidas

posteriormente do *Favelinha Shopping Center*⁸, são produzidas a partir de peças reaproveitadas.

Outro importante momento de afirmação cultural foi a *Disputa Nervosa*, que usualmente é realizada dentro de um círculo, em roda, em ambientes amplos ou abertos. No auditório da universidade, os artistas pouco se afetaram com o confinamento do espaço e romperam com a hierarquia imposta pelo palco: ignoraram a rigidez da arquitetura e os limites da plateia, utilizando os desníveis para realizar passos e movimentos provocadores. Foi simbólico quando um dos dançarinos deslizou com pés descalços pela mesa de debates, quebrando protocolos cerimoniais. Não se importaram com a austeridade da estrutura universitária: há sempre a possibilidade de subvertê-la, espacialmente ou não.

Por fim, a repercussão entre alunos foi bastante significativa. O professor mediador somente subiu ao palco, ao final da atividade, para orientar o debate com os estudantes. Apesar dos aplausos calorosos em toda a “conferência”, apenas os (poucos) alunos negros tomaram a palavra nesse momento específico: acredita-se que a reivindicação da independência e do lugar de fala por parte dos artistas *Lá da Favelinha*, desde o começo da atividade, deixou claro que aquele era o momento de um grupo, frequentemente marginalizado e silenciado por perspectivas hegemônicas, se expressar. Supõe-se que a grande maioria das pessoas que ali estavam, cuja realidade era marcadamente distinta daquela apresentada por Kdu e demais integrantes do projeto, respeitou o lugar de fala que estava sendo afirmado, assumindo o não menos importante lugar da escuta.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Kdu. **Lá da Favelinha**. Benfeitoria, Belo Horizonte. Acesso em: 30 nov, 2017. Disponível em: <<https://benfeitoria.com/favelinha>>

ARAÚJO, L.; BRANDINO, G.; FERNADES, T. Dossiê Violência contra as Mulheres. **Instituto Patrícia Galvão**, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/feminicidio/>> .

⁸ Loja virtual de produtos produzidos no centro cultural Lá da Favelinha.

AYER, Flávia. BOTTREL, Fred. Brasil é país que mais mata travestis e transexuais. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 9 mar, 2017. Disponível em: <<http://www.em.com.br/app/noticia/especiais/dandara/2017/03/09/noticia-especial-dandara,852965/brasil-e-pais-que-mais-mata-travestis-e-transexuais.shtml>>

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Caleidoscópio convexo**: mulheres, política e mídia. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BUTLER, Judith. Vida Precária. **Contemporânea**. N1, p. 13-33. Jan-Jun. 2011.

CASAQUI, Vander. A construção do papel do empreendedor social: mundos possíveis, discurso e o espírito do capitalismo. **Galáxia**, São Paulo, n. 29, p. 44-56, jun. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542015120109>>

ESCÓSSIA, Fernanda. Crescimento constante: taxa de suicídio entre jovens sobe 10% desde 2002. **BBC Brasil**, 22 abr, 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-39672513>>

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro: 2002.

KDU DOS ANJOS. **Facebook**. Disponível em : <<https://www.facebook.com/kdudosanjos.favelinha>>.

MORE, Thomas. **A utopia**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

MOUFFE, Chantal. Identidade democrática e política pluralista. In: **Pluralismo cultural, identidade e globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MUNHOZ, Jéssiva. **Lá da Favelinha: um projeto de resistência que promove arte e cultura no Aglomerado da Serra**. BHAZ, Belo Horizonte, 30 mar, 2016. Disponível em: <<http://bhaz.com.br/2016/03/30/la-da-favelinha-um-projeto-de-resistencia-que-promove-arte-e-cultura/>>.

NEOTTI, Clarêncio. Apresentação. **Revista de Cultura Vozes**. Rio de Janeiro, n.1, ano 67, 1973.

SEPÚLVEDA, Carlos. Apresentação. **Revista Tempo Brasileiro**. V.1 - nº 1. Rio de Janeiro, 1962.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia**: reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Democracia em tempos incertos**. Palestra realizada na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, em 27 abr. 2017 (transcrição).

SILVERSTONE, Roger. Complicity and Collusion in the Mediation of Everyday Life. In: **New Literary History** – Fall 2002.

WELLE, Deutsche. Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil. **Carta Capital**, São Paulo, 11 nov, 2015. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/aumenta-numero-de-homicidios-de-mulheres-negras-no-brasil-6928.html>>